

Nº 01  
ANO 01  
Junho  
1999



# Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**  
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



## De paus e pedras: Teodora, Córdula, Dimas.

Humberto Hermenegildo

Na região que se formou a partir da ribeira do Acauã, cujo entroncamento maior é o rio Seridó, existem muitos paus e pedras. Obviamente, como em todas as regiões do mundo. Mas, muito mais significativos para a cultura do lugar, como só acontece com algumas regiões do mundo. No meio daquele lugar, uma igrejinha assenta-se na praça e avisa: aqui reside a história, a cidade, o nome, a vogal aberta do Seridó - Acari.

Há muitos anos, percorria as fazendas que margeiam o rio do Bico uma mulher cujo ofício era reformar baús, malas e oratórios. Forrava o interior desses objetos com papel colorido, pintava os Santos que ornamentavam os oratórios, cuidava do Espírito Santo em forma de pomba. TEODORA, que um dia testou com uma faquinha o pau de uma raiz e das suas mãos nasceu um rosto de Cristo. Surgia assim a artista que se sentava na soleira da porta com seu cachimbo fedorento. Uma caipora no meio dos matos à procura das raízes para criar imagens da história da cidade da vogal aberta.

Há poucos anos, e por caminhos diferentes, dois meninos rendem à mesma igrejinha da praça a mesma homenagem de Teodora, que já não devaneia no mato nem chega mais à fazenda Cajueiro com um bisaco cheio de resina de pereiro, presente para o velho Possidônio do Bico D'Arara. Como permanece no centro da cidade aquela igrejinha do Rosário, AMBRÓSIO CÓRDULA devaneia também e das suas mãos, que enformam miolos de umburana, ressurgem os Santos que o Seridó venera. Ele procura, ainda, uma técnica que há de vir e vai formando a sua profissão. O outro é DIMAS, que aprendeu a trabalhar entre pedras: cortava-as para fazer paralelepípedos, ali pertinho o barulho da sangria do açude. Um dia ele resolveu se rebelar contra a forma geométrica do seu trabalho de assalariado e, no devaneio, apareceu-lhe a imagem de um Deus que ele não sabe de onde veio. Nasciam, assim, as cabeças de pedra que Dimas constrói para os jardins dos ricos.

Como um museu, esta página quer apresentar ao Rio Grande do Norte os paus e pedras do Seridó. Acari ocuparia com muita leveza, não obstante os serrotes enormes, a secura das caatingas, e a aparência de peso pesado das cordilheiras em volta, uma das mais amplas salas desse museu imaginado.



Arte: Ambrósio Córdula

## Escultura popular em madeira

Antônio Marques de Carvalho

Um dos estados brasileiros mais ricos em matéria de arte popular é, sem dúvida alguma, o Rio Grande do Norte, particularmente no que diz respeito à escultura em madeira, assunto central destas anotações. Embora sejamos possuidores de um invejável patrimônio artístico em matéria de escultura popular, conhecemos pouco,

pouquíssimo, a respeito dos seus criadores. Tomamos consciência de tal realidade quando formulamos as seguintes questões: O que sabemos sobre artesãos e "mestres" dos séculos XVII, XVIII e XIX, no Rio Grande do Norte? Neste final de século, o que pensamos sobre os nossos artesãos? Como vivem? Como produzem? O que produzem? Como

comercializam suas obras? Qual a importância da escultura popular no cenário artístico e econômico do Rio Grande do Norte?

Influenciado pelas idéias do "Movimento Regionalista do Recife", Câmara Cascudo foi o primeiro potiguar a manifestar interesse em pesquisar a vida e a obra dos escultores populares.

Em "Viajando o Sertão", Natal RN, 1934, descreve, com agudeza e emoção, seu encontro, em Açú, com José Leão, escultor popular, nascido em 1868:

"É o tipo do imaginário primitivo, sereno, resignado, incompreendido, passando fome, trabalhando sem esperança, sem ambiente, sem auxílio, sem estímulo, insensível e obstinado, artista

legítimo, com uma intuição de escultura, um senso decorativo, um tino de moldar as fisionomias que lembram a rudeza elegante e máscula de Memling. José Leão mostra-me dezenas de santos, crucifixos, anjos, ovelhas místicas. Não tem instrumentos. São pedaços de canivetes, troços de paus, restos de enxós, um formão quebrado, cacos de louça, (Cont.)

## José Leão

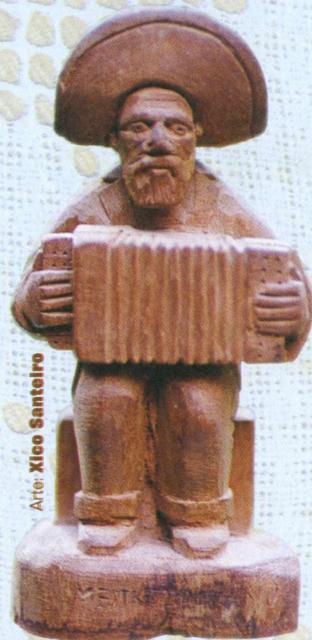
**"Saúdo-te em nome dos que trabalham com a alma e morrem sem glória"**

Pires bolorentos, quengas de coco, seus ferros e godets para a pintura. Longe de ter a monotonia da beleza dos santos moldados em gesso e feitos a máquina, iguais e bonitos, José Leão grava na umburana plástica rostos vivos, bem semelhantes ao tipo humano, possíveis e naturais. Ninguém lhe compreende a maestria naquela intuição que lá fora o faria rico e aqui o mata à fome. Eu tive nas mãos uma Nossa Senhora do Perpétuo Socorro verdadeiramente maravilhosa. Um São José, um São João Batista, que estão sem preço, pedem uma página de elogio pela firmeza incrível com que aquele velho gravou os traços morais na árvore que lhes deu nascimento e vestiu-os com uma precisão miraculosa e pictórica.

José Leão, trabalhador sem reclame, escultor sem escola, artista sem nome, saúdo-te em nome dos que trabalham com alma e morrem sem glória.

No jornal "A República", Natal-RN (10.02.1950), Câmara Cascudo escreve uma calorosa apresentação do escultor popular Xico Santeiro, na época, quase um desconhecido: "Apresento-lhes Joaquim Manuel de Oliveira, natural de Santo Antônio do Salto da Onça, santeiro, imaginário, artesão legítimo, com o respeito medieval do orgulho pelo seu trabalho e não tristeza pela sua profissão. É cinquentão, casado, com filhos."

"Desde os dez anos, esculpe madeira. O Pai também era Santeiro. O Tio é lembrado como o esplendor artístico da família. Chama-se Francisco Baquára e é o autor do monumento ao Coronel Gentil, em Sapé, Paraíba. Baquára fez um busto do Senador Getúlio Vargas e



Arte: Xico Santeiro

## Xico Santeiro

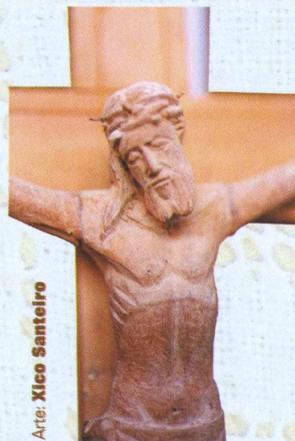
**"É um homem que honra a arte tradicional, antiga e nobre, fiel aos modelos desaparecidos."**

ganhou uma medalha de ouro. Conheço Joaquim Manuel, o santeiro, há uns cinco ou seis anos. Já fez para mim dezenas de obras que estão espalhadas por esse mundo de Deus".

"Joaquim Manuel vive em nossos dias a tradição dos santeiros portugueses de Évora e de Braga. Conserva a fidelidade ao azul, ao ouro, ao vermelho, típicos das velhas imagens. Dá-lhes um ar inocente e reservado, um tanto carrancudo e severo, mas doce e natural, que encontramos nos santos de outrora, os santos feios, guardados nos oratórios de jacarandá e sabendo fazer milagres entre as velas votivas e as palmas secas do Domingo de Ramos. Joaquim Manuel de Oliveira é artista do povo, mas, também, é caracteristicamente um medieval, um escultor do tempo das catedrais góticas, com os Cristos alongados, de feições semitas, as mãos fechadas num espasmo de dor, sem a comunicabilidade bonita dos santos de porcelana de pasta e de

biscuit. É um homem que honra a Arte tradicional, antiga e nobre, fiel aos modelos desaparecidos." Seguindo a trilha aberta por Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo pesquisou a cultura popular do estado. Em 1967, publicou, nos "Arquivos do Instituto de Antropologia" UFRN, um primoroso ensaio sobre Xico Santeiro. Talvez, o melhor estudo sobre o artista. Entretanto, foi no catálogo da exposição intitulada "Brasileiros e seu Universo: "Brasileiros e seu Universo: arte, ofícios, origens, permanência", promovida pelo Departamento de Documentação e Divulgação, Brasília DF, 1974, que Veríssimo apresenta três momentos importantes da arte popular no Rio Grande do Norte: Xico Santeiro, Luzia Dantas e Manxa.

"Um roteiro que se inicia,



Arte: Xico Santeiro

verdadeiramente, com Xico Santeiro, continua com Luzia Dantas, exímia escultora, e atinge seu ponto culminante com o entalhador Manxa. Este último já ultrapassou a faixa dos artistas populares, com seus recentes e monumentais trabalhos, mas ainda nos parece a eles vinculados pelas suas origens e influências." Sobre Xico Santeiro, retoma certas informações já fixadas por Câmara Cascudo, mas acrescenta dados novos e esclarecedores. Referindo-se ao pai do escultor, escreve: "Como bom sertanejo,

Manuel Francisco Xavier casou-se três vezes. Xico era filho único do segundo casamento, com Idalina Maria da Conceição. Um dos irmãos de Xico, por parte de pai, também se destacou como "imaginário": João que vive em Rigu-Muleiro (...)" Informa, também, que Xico Santeiro tinha outros irmãos, por parte de pai, que se dedicaram à Arte de talhar, como Nicolau, Antônio Xavier, Rita e Lupércia. Como se vê, Xico não foi uma improvisação de artista da família. Era realmente de uma linhagem de escultores populares. E seria o mais destacados de todos. Veríssimo registra ainda que Xico Santeiro casou-se em Goianinha RN, com Maria Feliz.

E acrescenta: "o casal teve nove filhos, sendo que três morreram cedo. Quem o ajudou, até os últimos dias, a esculpir figuras na madeira foi a sua filha Irene, casada com José Bezerra da Silva. Irene faleceu poucos anos depois da morte de Xico. O seu genro, José - rapaz calado, magrinho, inteligente -, continuou a tarefa da família. Quase todas as peças que Xico fazia, com exceção de crucifixos e lampiões, ele também executa. Começou lixando peças. Tinha sido antes serralheiro. Com orientação de Xico e da mulher, já é hoje senhor de muitos segredos da Arte. Os seus carros de bois não têm quase diferença dos de Xico. Irene, entretanto, fazia todas as peças que o pai criara."

As informações de Veríssimo, acrescentamos que José Bezerra da Silva, conhecido por Zé Santeiro, reside, atualmente, em Pureza RN, onde se casou pela segunda vez e continua esculpindo em madeira. Suas peças são comercializadas nos pontos turísticos do litoral norte do RN.

Em relação a Manxa (Ziltamir Sebastião Soares de Maria), Veríssimo considera-o pioneiro das talhas artísticas em Natal.



Em verdade, Manxa pode ser considerado um artista já de nível erudito. Todavia, suas raízes são populares, tanto pela sua procedência quanto pela sua temática. É um nome de projeção nacional. Consideradas estas razões, Manxa merece um estudo à parte.

Quando a Luzia Dantas, Veríssimo de Melo considera que, atualmente, "é a maior escultora popular do Rio Grande do Norte." "Nasceu no sítio denominado "Ladeira", Município de São Vicente RN, a 27 de fevereiro de 1937. Menina ainda, aos 10 anos de idade, já talhava bonequinhos de madeira para brincar. Suas experiências foram despertando interesse dos parentes e Luzia passou a fazê-las para as amigas dos sítios vizinhos. Morando numa fazenda, alguns quilômetros distantes da

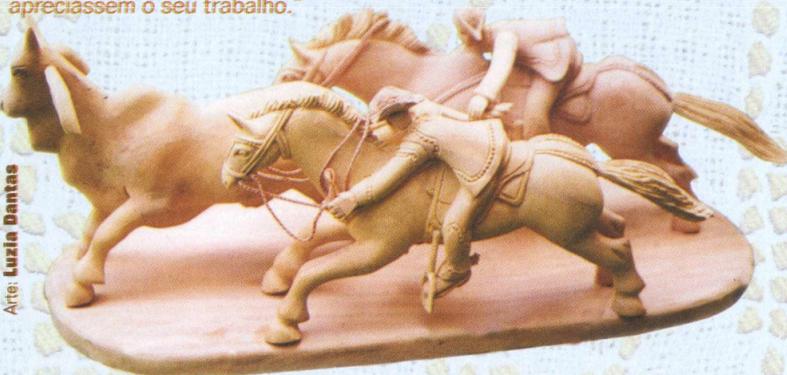


Arte: Etevoaldo

pequena cidade de São Vicente, Luzia não sofreu influência de qualquer outro artista popular. Começou a talhar na madeira porque gostava e para que outras pessoas apreciassem o seu trabalho

## Luzia Dantas

**"Começou a talhar na madeira porque gostava e para que outras pessoas apreciassem o seu trabalho."**



Arte: Luzia Dantas

- nos confessou. Das bonecas, já mocinha, evoluiu para fazer santos e tipos populares do Nordeste, carros de boi, cavalos, outros animais, cenas de casas de farinha e retirantes."

Na opinião abalizada de Veríssimo, "suas peças são sempre bem-acabadas, lixadas, sem pinturas e com dimensões quase perfeitas. Prefere os motivos regionais, mas já assina suas peças, o que denota influência de colecionadores e valorização da própria Arte.

Em recente entrevista com Luzia Dantas, apuramos que em 1972 veio morar em Currais Novos, juntamente com seus familiares. Em 1974, casou-se com Milton Pereira Dantas que, entre outras tarefas, se ocupa da compra da umburana, matéria-prima de suas esculturas. Quando Luzia trabalha livremente, isto é, sem encomendas, igualmente presta-lhe ajuda, na comercialização de suas peças. Com a criação do Centro de Turismo de Natal, local onde Luzia também expõe e comercializa suas obras, seu nome tornou-se nacionalmente conhecido. É a artista popular que consegue, no estado, o mais elevado preço para o seu trabalho.

Hoje, seu padrão de vida mudou. Reside em uma ampla casa de dois pavimentos e ainda dispõe de uma segunda residência, nas proximidades de Currais Novos, em um pequeno

sítio. Nossa observação ainda detecta uma surpreendente "dicotomia de estilo" na produção artística de Luzia. Quando alude a temas do cotidiano nordestino, como vaquejadas, casas de farinha, retirantes, seu estilo é absolutamente "realista". Contudo, quando trabalha a madeira, em função das imagens sacras, seu estilo é fundamentalmente "barroco".

A obra de Luzia Dantas, outrossim, carece de muitos esclarecimentos. Veríssimo de Melo ainda fez uma breve referência à Ana Dantas, escultora popular, uma das irmãs mais velhas de Luzia. Nos anos 80, quando visitávamos constantemente a artista, colhemos os seguintes dados: Nasceu no sítio "Ladeira", Município de São Vicente, em 1935. Passou a dedicar-se à Arte quando descobriu o sucesso da irmã, mas desde criança gostava de esculpir.

Sua produção, embora muito diversificada do ponto de vista temático - Lampião, Maria Bonita, reideiras, retirantes - foi mais dirigida para a criação de imagens, particularmente aquelas que tinham maior aceitação no mercado, como por exemplo São Francisco. Ana Dantas fazia um trabalho primoroso quando esculpia um presépio ou um São Jorge a cavalo, lutando contra o dragão. Faleceu em plena maturidade artística, em Currais Novos, 1991.

Enfim, uma artista também dotada de estilo próprio. Merece ser estudada para a história da cultura popular no RN. No final da década de 70, coube a laperi Araújo realizar um vasto levantamento dos escultores populares do Rio Grande do Norte. Em seu livro "Elementos de Arte Popular". Ed. UFRN, 1978, além de elaborar uma nova reflexão sobre a vida e a obra dos artesões estudados por Cascudo e Veríssimo, laperi resgata novos nomes, os quais passaremos a mencionar, adicionando alguns fatos do nosso conhecimento. Antônio Quirino. Natural de Caicó RN. Escultor popular pouco conhecido. Produziu muito, sobretudo "imagens" para o culto doméstico. Na época da publicação do livro ora comentado, já



Arte: Ana Dantas

## Ana Dantas

**"Merece ser estudada para a história da cultura popular do RN."**

conhecimento da escultura popular. Além dos estudos que transcreve, redigiu dois verbetes, dedicados a Carbone e a José de Arimatéia Jordão. Carbone nasceu em Natal, onde se projetou nos anos 70/80. Dotado de uma expressiva criatividade e estilo, trabalha de preferência com santos, anjos, adornos, barrocos, onde

sua Arte identifica-se com "mestres" artesãos do passado, numa interação e, até, se pode dizer, valorização das matrizes consultadas (...) Reside atualmente na Bahia. José de Arimatéia, cujo nome artístico é Jordão, nasceu em Macau em 1949, mas desde muito jovem fixou residência em Natal. "É uma das mais autênticas afirmações da Arte de esculpir do Estado, "naif" sim, mas na essência, um erudito da forma e do conteúdo, numa dimensão que está além das nossas perplexidades."

Ao longo dos anos, tem sido uma preocupação constante da Funarte documentar a vida e a obra dos artesãos brasileiros. Com esta temática, existe hoje uma vasta bibliografia. Alguns estudos são até especializados, como por exemplo "Artesanato Brasileiro" (Madeira) Funarte, 1988. Outras publicações têm caráter mais abrangente, haja vista "O Reinado da Lua. Escultores Populares do Nordeste". Ed. Salamandra, 1980. Certamente, as obras patrocinadas pela Funarte são da mais alta importância para a divulgação do artista popular, em escala nacional. Mas, não podemos deixar de constatar que, quase sempre, limitam-se a

(Cont.)



Scriptorina **Candinha Bezerra**  
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

Fones: (84) 211-8241/fax: 211-8790  
E-mail: mensagens@candinhabezerra.com

Direção Artística e de Pesquisa  
**Dácio Galvão**

Fotografias  
**Candinha Bezerra**

Programação visual  
**Cláudio Damasceno**

Colaboradores  
**Antônio Marques**  
Mestre em Sociologia da Arte

**Humberto Hermenegildo**  
Doutor em Literatura Comparada da UFRN

Sempre, limitam-se a "reproduzir" dados já publicados na imprensa local. Nossa observação pretende tão somente chamar a atenção do pesquisador norte-rio-grandense para sua responsabilidade (in-transferível) com relação à valorização das manifestações estéticas de cunho popular, aqui produzidos. Nos dias de hoje, existem no Rio Grande do Norte muitos escultores populares que trabalham com a madeira e que nunca foram estudados. Estão, pois, à espera do antropólogo, do crítico de arte, do fotógrafo, do pesquisador...

Com esta finalidade, tomo a iniciativa de citar, alguns, os seguintes artistas: *João Francisco Nunes* conhecido apenas por Nunes. Talentoso no manuseio das ferramentas primitivas sobre a umburana. Gosta de esculpir tipos nordestinos: cangaceiros, beatos, retirantes, mendigos e santos. Tem preferência em esculpir Santo Antônio e São Francisco, pois considera sempre como suas melhores obras.

*Francisco Evaristo dos Santos*, nome artístico "Santos". Nasceu em 1944 na Paraíba, mas logo nos seus primeiros dias de vida, com seus pais, transferiu-se para Timbaúba, localidade do município de Caicó. Atualmente, reside em Natal. Habilíssimo escultor de tipos populares, nordestinos e de imagens. Suas peças recebem sempre um acabamento demorado e primoroso, daí por que tem sempre dificuldade de encontrar o preço "justo" para vendê-las. Também gosta de fazer peças inovadoras, surpreendentes. Neste sentido muitas vezes foge dos padrões do artesanato tradicional.

*Ramiro Barbosa*

*de Araújo*, residente em Natal. Ótimo artesão de madeira. Faz qualquer peça: da garrafa de "Pitu", passando pela máquina de costura "Singer". Até as vaquejadas. Muita ingenuidade, lirismo e, num certo sentido, urbanidade em sua arte.

*João Gregório*, residente em Tangará RN. Distingue-se principalmente como santeiro, mas também esculpe escolinhas, vaquejadas, cangaceiros e outros tipos regionais. Seus presépios são sempre encantadores, mágicos. É o único artesão que com frequência esculpe os três Reis Magos, padroeiros de Natal.

Enfim, Gregório é um artesão de estilo sóbrio, de muita personalidade.

*Sebastião Soares*, natural de São Vicente RN. Reside em Natal. É instrutor de arte na FEBEM.

Primo de Manxa, com quem trabalhou vários anos. Mas, com o passar do tempo, soube fazer o seu próprio caminho. Hoje é um escultor de estilo vigoroso e original.

*Xico Santeiro*, residente em Currais Novos RN. Como seu próprio cognome sugere, filia-se à tradição dos produtores de imagens (imaginário). Em razão da idade avançada, hoje trabalha lentamente. Sua arte, apesar do caráter popular, tem força do estilo barroco do Nordeste brasileiro.

*Ivanaldo Paula Condados*, conhecido por *Sombra*. Nasceu em Natal, 1945.

Iniciou seu aprendizado em uma antiga fábrica de móveis. Dedicou-se à escultura em madeira desde os 25 anos de idade. Suas peças fogem ao estilo "realista" da maioria dos escultores populares. Suas figuras humanas, sempre alongadas - principalmente São Francisco - são muito apreciadas pelos turistas que visitam Natal.

*Antônio Santana*. Reside em Ceará-Mirim RN. Prefere esculpir temas regionais e imagens sacras. Suas figuras humanas recebem



Arte: Julio Cassiano

Um tratamento muito pessoal e são sempre alongadas. É especialista em miniaturas e erotiza refinadamente quando o tema está em objeto. *Etevaldo Cruz Santiago*. Escultor popular de renome, várias vezes premiado em

salões e feiras de arte. Reside em Ceará-Mirim RN. Trabalha simultaneamente com cerâmica e madeira. Seus filhos "Naldo" e "Careca" também são bons artesãos.

*Gilvan Bezerra Campus*, residente em Currais Novos. Artesão jovem e talentoso. Sobrinho de Luzia Dantas, de quem recebe benéfica influência. Com um pequeno canivete e um pedaço de umburana, gosta de fazer vaquejadas, camponeses, retirantes e também imagens sacras... Com ele, temos a certeza de que a tradição de esculpir a madeira, em Currais Novos, não será interrompida.

*Elias Jales da Silva*. Escultor de imaginação muito fértil. Trabalha com qualquer tipo de madeira e gosta muito de esculpir figuras femininas. Neste aspecto, é um artesão que foge dos padrões temáticos da escultura popular, embora do ponto de vista da técnica não haja nenhuma inovação. Atualmente, reside na Redinha, praia urbana de Natal.

*Ambrósio Silva Córdula*. Nasceu em Cruzeta RN, 1958. Atualmente reside em Acari RN. Escultor de raro talento, podendo alcançar num futuro próximo grande projeção no cenário das Artes. Suas peças começam a ser procuradas por colecionadores. Fez uma fazenda completa -

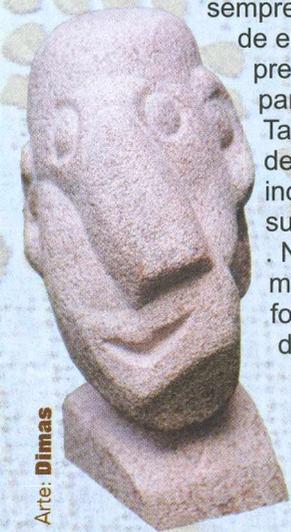
personagens, animais, casario - para o Museu "Ferreiro Torto", tudo esculpido com fino acabamento. Ambrósio não tem dificuldades para esculpir qualquer "tema", mas prefere sempre imagens sacras, num desdobramento surpreendente da tradição barroca brasileira.

## Produção e Comercialização

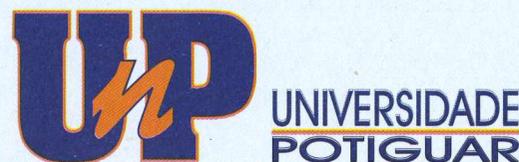
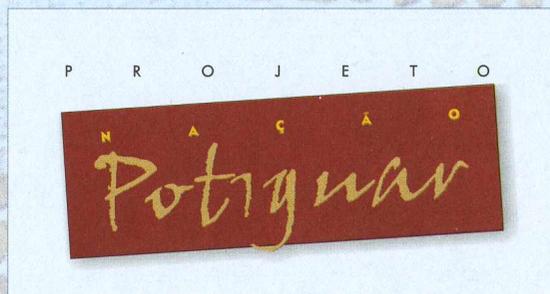
Não se pode estudar a produção da escultura popular, na atualidade, sem levar em consideração o impacto da atividade turística sobre este fenômeno cultural e artístico. Discordamos dos que apregoam que o turismo, a industrialização ou outros fatores da modernidade ou pós-modernidade estejam matando as atividades de caráter artesanal. Pelo contrário, muitas vezes, até redinamizam as artes tradicionais. Claro, não sem afetar os "objetos produzidos" que passam a ser, essencialmente portadores de "mais valia". No nosso entender, é exatamente o que está ocorrendo atualmente com a escultura popular no Rio Grande do Norte.



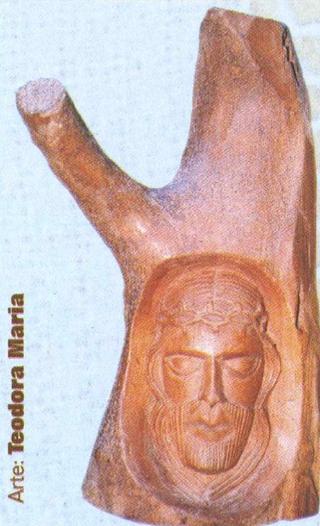
Arte: João Gregório



Arte: Dimas



Nossa cultura, nosso saber.



Arte: Teodora Maria